

O NÃO PROTAGONISMO FEMININO NOS CARGOS DE TÉCNICA E ASSISTENTE TÉCNICA NA CATEGORIA INFANTIL DE VOLEIBOL EM GOIÁS

Jéssica Lorraine Gonçalves

jessicalorraine1@gmail.com

Tathyane Krahenbühl

tathykrahenbuhl@ufg.br

Universidade Federal de Goiás (UFG)

RESUMO

A baixa representatividade de mulheres nos comandos esportivos no Brasil é notória. O objetivo do estudo foi analisar o principal campeonato de base do estado de Goiás, e verificar o número de participantes quanto ao gênero dos profissionais nas comissões técnicas dos jogos de voleibol, em uma das etapas da Copa Pró Vôlei.

PALAVRAS-CHAVE

esporte; voleibol; mulher

INTRODUÇÃO

O esporte foi construído sobre valores patriarcais, e não é de hoje a luta pelo espaço feminino. A exemplo, ao chegar ao Brasil, no século XX, a prática do judô por mulheres não era permitida, pois se tratava de uma prática "lesiva à capacidade reprodutiva" (SOUZA *et al.*, 2015).

No entanto, após muitas lutas, atualmente a participação feminina no esporte é crescente e os discursos sociais embasados na biologia do corpo feminino, como frágil e menos hábil está perdendo força, e a capacidade das mulheres como atletas menos questionada (FERREIRA *et al.*, 2013).

Contudo, a representatividade feminina ainda é um desafio para o esporte brasileiro, que vive um momento de tratamento secundário, e tem suas funções sociais ignoradas. Ainda hoje, apesar de alguns estereótipos serem quebrados e de as equipes femininas terem ganhado espaço, os cargos de destaque em diretorias de clubes e comissões técnicas, ainda são, em sua grande maioria, ocupados por homens.



Além da observação empírica sobre este contexto, em que observa-se facilmente a dominância masculina nos cargos de técnicos/treinadores esportivos, há também pesquisas que mostram o desafio para as mulheres em conquistar funções de liderança em comissões técnicas. De acordo com Jaeger *et al.* (2010) tanto no Brasil quanto em Portugal a baixa representatividade feminina é evidenciada, e como consequência tem-se uma desigualdade de oportunidades, mostrando o quão distantes as mulheres estão de se destacar em cargos esportivos.

Segundo Ferreira, Salles e Mourão (2015) os cargos de comando esportivo são majoritariamente masculinos, e a atuação de mulheres em funções como treinadoras esportivas, auxiliares técnicas, árbitras, coordenadoras são muito escassas. Ainda, segundo os autores, mesmo o Comitê Olímpico Internacional (COI) estabelecendo a meta de para aumentar o número da participação feminina em 20% nestes cargos de liderança até o ano de 2005, esta meta ainda não foi alcançada.

Estudos sugerem que as mulheres são discriminadas, marginalizadas e subestimadas quando assumem posição de liderança em trabalhos com esporte (KANE; STANGL, 1991; NORMAM, 2010).

Em um estudo realizado no Brasil constatou-se que apenas 7% dos técnicos esportivos em 22 modalidades (como handebol, basquete, judô entre outras) são mulheres, e no total de 259 federações pesquisadas no estudo, 71,4% não apresentam mulheres cadastradas como técnicas (FERREIRA *et al.*, 2013).

Outro estudo recente, em que foi observada a atuação de treinadoras e arbitras nas competições de basquetebol, Passero *et al.* (2019) encontraram que em sete temporadas não houve uma diferença significativa da predominância masculina nos cargos analisados.

São diversos os fatores que contribuem para a não contratação de mulheres para o cargo de técnica/treinadora, mas em sua maioria, são fatores que não estão relacionados à competência da mulher. Ao estudar a trajetória de Rosiclea Campos, treinadora da seleção brasileira de judô, Souza *et al.* (2015) mostrou que o fato de ser mulher fez que, por inúmeras vezes, sua capacidade fosse questionada.

A partir desse cenário, este estudo tem por objetivo verificar, de forma quantitativa, o protagonismo da mulher como treinadora esportiva da modalidade voleibol, em um campeonato de base de referência em Goiás.

MÉTODOS

Esta é uma pesquisa descritiva por observar, registrar e descrever as características de um determinado fenômeno ocorrido em uma amostra ou população, de caráter exploratório, buscando familiarizar-se com o problema estudado (GIL, 2008).

Foi observado o gênero dos profissionais nos cargos das comissões técnicas: técnica e assistente técnica (quando houver), na etapa mais recente da Copa Pró Vôlei, que aconteceu em março de 2019, na categoria infantil em ambos os naipes, feminino e masculino.

A Copa Pró Vôlei é o maior campeonato de base atuante no estado de Goiás, existe há cinco anos e as competições são divididas nas categorias mirim [nascidas (os) em 2006 e 2007], infantil [nascidas (os) em 2004 e 2005] e infante juvenil [nascidas (os) em 2001, 2002 e 2003].

Os dados foram coletados a partir da análise documental (YIN, 2016) utilizando das informações contidas nas súmulas dos jogos. Para isso, foram observados os registros dos profissionais na comissão técnica, e a partir dos nomes, classificados e quantificados como homens ou mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram coletados dados de 16 equipes que participaram da etapa, sendo 10 equipes femininas e seis masculinas. Foi observado que no cargo de técnico principal, que de 16 equipes apenas duas apresentaram na súmula a função ocupada por mulher. Apenas cinco equipes apresentaram uma pessoa no cargo de assistente técnico, sendo uma equipe o cargo ocupado por mulher, assim como mostrado no quadro 1.



Quadro 1 - Gênero da comissão técnica na série ouro e prata do torneio feminino e da série única do torneio masculino na categoria infantil.

EQUIPES	NAIPE	TREINADOR (A)	ASSISTENTE TÉCNICO (A)
Equipe 1	Feminino	Homem	Homem
Equipe 2	Feminino	Homem	Homem
Equipe 3	Feminino	Homem	Mulher
Equipe 4	Feminino	Homem	Não há
Equipe 5	Feminino	Homem	Não há
Equipe 6	Feminino	Homem	Homem
Equipe 7	Feminino	Homem	Não há
Equipe 8	Feminino	Homem	Não há
Equipe 9	Feminino	Homem	Não há
Equipe 10	Feminino	Mulher	Não há
Equipe 11	Masculino	Homem	Não há
Equipe 12	Masculino	Homem	Não há
Equipe 13	Masculino	Homem	Não há
Equipe 14	Masculino	Homem	Homem
Equipe 15	Masculino	Homem	Não há
Equipe 16	Masculino	Mulher	Não há

Ao analisar o torneio, observa-se que no cargo de técnico principal das equipes, a presença feminina ocorre em apenas 12,5% dos casos, onde a predominância masculina se mostra evidente. Um resultado próximo do cenário nacional que é em torno de 7% (PASSERO *et al.*, 2019). O mesmo não acontece no cargo de menor destaque, de assistente técnica, onde 40% dos auxiliares é representado por mulheres.

Assim como a literatura sugere, as técnicas têm números pouco expressivos e que se mostram assimétricos em relação ao predomínio de homens nos cargos e funções de liderança e, dentro de uma sociedade atual mostra-se longe do ideal (SOUZA *et al.*, 2015; FERREIRA *et al.*, 2013; JAEGER *et al.*, 2010, PASSERO *et al.*, 2019; FERREIRA, SALLES e MOURÃO, 2015)

A maioria masculina nos cargos principais remete-se a uma visão antiquada e retrógrada, originária de uma concepção histórica e cultural concebida pela relação binária das funções entre homens e mulheres. A divisão de funções femininas e masculinas foram sujeitas aos preceitos de moralidade dos corpos, embasados nas suas características biológicas, o que interfere nas atividades sociais, incluindo o contextos da educação física e do esporte (SOARES, 2001; FERREIRA *et al.*, 2016).

Assim, por muito tempo, a participação feminina em atividades físico esportivas foram restritas, pois eram consideradas frágeis e inaptas. Isso contribui também para o fortalecimento de uma concepção de que homens são mais aptos, centrados e menos emocionais para exercerem funções de liderança em equipes esportivas, devido a forte presença na associação entre autoridade e masculinidade (NORMAN, 2010).

No entanto, a participação das mulheres no esporte está cada vez maior, numeros comprovados, por exemplo, com o aumento a cada edição da participação das mulheres no Jogos Olímpicos.

Contudo, não só no voleibol, mas nas modalidades esportivas como um todo, apesar de uma notória evolução em relação à quantidade de equipes femininas nos principais campeonatos, percebemos através da literatura e dos dados desse estudo que ainda há uma resistência quanto ao gênero nos cargos de comando esportivo.

Assim como a sociedade, apesar da forma lenta e resistiva, o esporte é um meio em constante evolução. Quebrar estereótipos de gênero é uma medida complexa pelo contexto histórico, é eminente e necessária a sua discussão no meio esportivo brasileiro.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Projetos de incentivo ao esporte de base, como a Copa Pró Vôlei, fazem-se necessários diante do cenário político atual. As questões sociais referentes ao esporte e questões como assimetria de gênero em cargos desportivos são questões de suma importância, que devem ganhar força na busca constante da excelência no esporte.

Observamos neste estudo que, mesmo em categoria de base, que são categorias de formação de atletas, há majoritariamente homens nas funções de técnico e assistente técnico no campeonato incluído neste estudo. Este estudo corrobora com o que tem se observado na literatura, em que as mulheres, apesar da discussão no meio acadêmico, ainda enfrentam a predominância masculina nos cargos de liderança em comissões técnicas esportivas.

THE NO FEMALE PROGANOMISM IN THE COACH AND ASSISTANT COACH POSITIONS IN THE INFANTIL CATEGORY OF VOLLEYBALL AT GOIAS

ABSTRACT

The low representativeness of women in sports commands in Brazil is notorious. The purpose of the study was to analyze the main championship in the State of Goiás, and attentive to an asymmetry with regard to professionals gender in technical committees in the voleibol games, in one of Copa Pró Vôlei stages.

KEYWORDS: *sport; volleyball; woman.*

EL NO PROTAGONISMO FEMENINO EN LOS CARGOS DE ENTRENADOR Y ENTRENADOR ASISTENTE

RESUMEN

La baja representatividad de mujeres en los comandos deportivos en Brasil es notorio. El objetivo del estudio fue analizar el principal campeonato del Estado de Goiás, y atender para una asimetría en cuanto al género de los profesionales en las comisiones técnicas de los juegos de voleibol, en una de las etapas de la Copa Pró vôlei.

PALABRAS CLAVES: *deporte, voleibol, mujer.*



REFERÊNCIAS

- SOUZA, G. *et al.* Rosiclea Campos no judô feminino brasileiro. *Revista estudos feministas*, Florianópolis, v. 23(2), n. 352, p. 409-429, maio-agosto 2015.
- FERREIRA, H. *et al.* A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. *Revista movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 103-124, julho-setembro 2013.
- JAEGER, A. *et al.* Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. *Revista movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 245-267, janeiro-março 2010.
- FERREIRA, H.; SALLES, J.; MOURÃO, L. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. *Rev. Educ. Fís/UEM*, v. 26, n. 1, p. 21-29, janeiro-março 2015.
- Kane, M. J., Stangl, J. M. Employment Patterns of Female Coaches in Men's Athletics: Tokenism and Marginalization as Reflections of Occupational Sex-Segregation. *Journal of Sport and Social Issues*, Minnesota, v. 15, n. 1, p. 21-41, mar. 1991. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/019372359101500102>>. Acesso em: 5 abr. 2019.
- Norman, L. *Feeling second best: Elite women coaches' experiences*. United Kingdom, v.27, n.1, p. 89-104, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1123/ssj.27.1.89>>. Acesso em: 5 abr. 2019.
- PASSERO, J. *et al.* Gender (in)equality: a longitudinal analysis of women's participation in coaching and referee positions in the Brazilian Women's Basketball League (2010-2017), *Cuadernos de Psicología del Deporte*, Murcia, v. 19, n.1, p. 252-261, dezembro 2018.
- GIL, A. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002.
- YIN, RK. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. D. Bueno, 1 ed. Penso, 2016.
- SOARES, C. *Educação Física: Raízes europeias e Brasil*. 2 ed. Autores Associados, 2001.
- FERREIRA, E. A revolução burguesa no Brasil: esboço de uma crítica, *Revista Labor*, v.1, n. 15, p. 132-146, abril-junho 2016.

